

TURISMO E PATRIMÔNIO CULTURAL MATERIAL

TOURISM AND CULTURAL PATRIMONY MATERIAL

Recebido em 29/08/2013

Aprovado em 23/10/2014

Fernanda Ricalde Teixeira Carvalho¹

¹ Mestranda em Patrimônio Cultural (UFSM, 2013). Bacharel em Turismo (UFPEL, 2006), Especialista em Imagem Publicitária (PUCRS, 2008). fernanda.imagem@gmail.com

RESUMO

O artigo apresentado é resultado de uma pesquisa sobre memória e esquecimento tendo como cenário a cidade mineradora de Lavras do Sul, RS. Considerou-se para o trabalho patrimônio cultural material, tendo como metodologia a avaliação do conjunto patrimonial edificado na cidade e a importância que os prédios têm para a sociedade que os cercam. Na introdução a autora faz uma abordagem entre patrimônio cultural material e a memória coletiva; seguindo a discussão com turismo e patrimônio para finalmente avaliar a cidade sob os aspectos pautados anteriormente. O método de corte para seleção dos prédios foi justamente a identidade com a mineração do ouro, resultando em onze edificações a serem analisadas quanto a sua relevância cultural para a coletividade.

PALAVRAS-CHAVE

Turismo. Memória. Patrimônio material. Lavras do Sul. Identidade social.

ABSTRACT

The article presented is the result of research on memory and oblivion against the backdrop of the mining town of Lavras do Sul, Brazil . Considered for the job cultural heritage material, having as a methodology to evaluate the heritage complex built in the city and the importance that the buildings have to the society around them . In the introduction the author makes an approach of cultural material heritage and collective memory ; following discussion with heritage tourism and to finally evaluate the city under the aspects previously guided . The cutting method for selection of the buildings was precisely the identity with gold mining , resulting in eleven buildings to be analyzed for its cultural significance to the community .

KEYWORDS

Tourism; memory; material patrimony; Lavras do Sul; social identity.

1. INTRODUÇÃO

O artigo¹ apresenta uma abordagem sobre a relação entre Turismo e Patrimônio Cultural Material, com foco nas relações de afeto e identidade dos monumentos-símbolos com a sociedade que o cerca, tendo como pano de fundo a cidade de Lavras do Sul, RS, portanto a temática do texto é turismo cultural e memória social.

A metodologia usada foi o recorte de edificações cujo elo fosse a mineração do ouro durante a história da cidade, sejam prédios da arquitetura do trabalho, sejam prédios da arquitetura residencial, e a partir dessa seleção de onze construções foi possível analisar a relação de memória/esquecimento em relação a cada uma delas, pois muitos prédios encontram-se em ruínas, por isso disse-se esquecimento, e através da pesquisa foi possível vislumbrar as motivações dessa memória negada pela coletividade.

Lavras do Sul é a única cidade gaúcha a surgir da exploração do ouro, e isto ocorreu pela busca do Império Português por novas fontes de riqueza, já que em Minas Gerais o ouro dava sinais de esgotamento, no contexto de extração da época.

Entre 1873 e 1935, foram edificadas algumas residências e engenhos de trituração e manipulação do ouro, e, estes prédios permanecem até os dias atuais no perímetro urbano, alguns em estado de deterioração avançado e outros em pleno funcionamento, preservados desde sua inauguração.

Diante da problemática da preservação de edifícios históricos, considerados símbolos da caracterização da cidade, buscou-se entender a questão do Patrimônio Cultural Material, sua relação com a memória coletiva e, como fazer dos prédios históricos (localmente), um produto turístico.

¹ artigo científico resultante da dissertação: “Rota do Ouro: um estudo sobre o resgate da memória da mineração em Lavras do Sul através de seu conjunto arquitetônico urbano”, cujo foco está na interface entre a memória coletiva e a preservação dos edifícios considerados patrimônios culturais, como monumentos históricos que se comportam como atrativos turísticos, e por sua vez, contribuem para a manutenção de tais edificações pela coletividade. Foram inventariados onze espaços destinados a visitação turística, com dados de construção, ocupação e características arquitetônicas, analisados e discutidos, trazendo as conclusões sobre os aspectos do Patrimônio Material e a promoção do Turismo como elemento para a preservação da memória coletiva.

1. O PATRIMÔNIO MATERIAL E A MEMÓRIA COLETIVA

O patrimônio edificado é considerado neste trabalho como o patrimônio cultural material que, segundo o conceito utilizado pelo Governo Brasileiro², engloba os conjuntos arquitetônicos:

O patrimônio material é formado por um conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza: arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes; e das artes aplicadas. Eles estão divididos em bens imóveis – núcleos urbanos, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais – e móveis – coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos. Entre os bens materiais brasileiros estão os conjuntos arquitetônicos de cidades como Ouro Preto (MG), Paraty (RJ), Olinda (PE) e São Luís (MA) ou paisagísticos, como Lençóis (BA), Serra do Curral (Belo Horizonte), Grutas do Lago Azul e de Nossa Senhora Aparecida (Bonito, MS) e o Corcovado (Rio de Janeiro) (LINHA DO TEMPO).

A vida depende essencialmente da memória que o sujeito carrega, e isso é válido para todos os portadores de vida, inclusive as casas, já que são os abrigos das famílias, ganhando, com isso, vida, e assim será traçada esta pesquisa, pela memória vinda das edificações e o esquecimento que elas sofreram.

A memória é uma atualização do passado ou a presentificação do passado e é também registro do presente para que permaneça como lembrança. Alguns estudiosos julgaram que a memória seria um fato puramente biológico, isto é, um modo de funcionamento das células do cérebro que registram e gravam percepções e ideias, gestos e palavras. Para esses estudiosos, a memória se reduziria, portanto, ao registro cerebral ou à gravação automática pelo cérebro de fatos, acontecimentos, coisas, pessoas e relatos (CHAUI, 2000, p. 161).

Mais que um processo biológico, a memória é uma construção social e afetiva que serve de suporte para a caracterização de uma sociedade, a qual, sem memória registrada, não possui em si a capacidade de produzir presente ou futuro, já que se precisa ter consciência sobre o passado para poder avançar no tempo como um organismo socialmente ativo.

² <<http://www.brasil.gov.br/sobre/cultura/patrimonio-brasileiro/material-e-imaterial>>.

A memória coletiva é um conjunto simbólico de lembranças sociais que identificam uma coletividade como tal. Está alicerçada nos indivíduos e, embora os fatos sociais sejam independentes de cada sujeito, é por meio de todos esses sujeitos que se pode constituir uma identidade social. Marilena Chauí diz o seguinte sobre a memória:

A memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana para reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total. A lembrança conserva aquilo que se foi e não retornará jamais. É nossa primeira e mais fundamental experiência do tempo e uma das obras mais significativas da literatura universal contemporânea é dedicada a ela: *Em busca do tempo perdido*, do escritor francês Marcel Proust (CHAUI, 2000, p. 158).

Nesse início de século existe uma busca frenética pelo não esquecimento de um passado recente, devendo-se ser considerado o largo número de dispositivos a serviço da multiplicação da memória, fazendo da memória coletiva, mesmo traumática ou decadente, uma temática para sua “mercantilização e espetacularização no cinema, museus, *sites*, livros de fotografias etc.” (HUYSSSEN, 2000).

É um processo lógico, afinal é preciso dar manutenção à máquina do conhecimento, e isso se faz através da produção e geração de divisas monetárias. Sobre as cidades, existem inúmeros meios de divulgação e propagação de notícias que reavivam os sentimentos coletivos por determinados elementos, e, assim, comunicadores e pesquisadores investem em diários e sítios eletrônicos, álbuns fotográficos via *web* e muitos outros meios articuladores de imagens e textos produzidos para evocar a memória coletiva,

Preservar algum tipo de patrimônio cultural é manter vivas as memórias, as histórias, as coisas que representam aspectos da identidade de cidades, famílias, grupos étnicos etc. “Preservar é necessário para que tenhamos referências de quem somos, como chegamos, onde estamos e o que podemos fazer com nossos potenciais” (HAIGERT, 2005, p. 107 apud TOLEDO, 2010, p. 24).

A memória é também um patrimônio, é o referencial de elemento social de um determinado lugar, e, mesmo que seja de maneira diferente da original, a preservação do patrimônio por meio de uma atividade econômica, como o turismo, oportuniza a dinâmica e o exercício do olhar para a construção da memória e de uma identidade coletiva frente a um patrimônio, ou seja, aquilo que foi legado a um grupo social.

A Carta de Atenas, de 1931, já considerava como primordial a educação de jovens sobre o patrimônio:

A conferência, profundamente convencida de que a maior garantia de conservação dos monumentos e das obras de arte vem do afeto e do respeito do povo e considerando que estes sentimentos podem ser bastante favorecidos mediante uma atuação apropriada dos poderes públicos, expressa o desejo de que os educadores ponham todo seu empenho em habituar a infância e a juventude para que se abstenham de qualquer atuação que possa degradar os monumentos, quaisquer que eles sejam, e lhes façam aumentar o interesse, de uma maneira geral, pela proteção dos testemunhos de toda a civilização (IPHAN, on line).

O convencimento da Conferência de Atenas em 1931 é justamente o de que não há produção de afeto sobre aquilo que não se conhece. É preciso, portanto, estimular o conhecimento e o reconhecimento dos patrimônios culturais que cercam uma sociedade, e isso se faz dentro das escolas e em interface com o poder público, detentor de arquivos, bibliotecas, museus e demais entidades que guardam a memória, ou seja, a herança patrimonial de um lugar.

Estimuladas à preservação, crianças e adolescentes tornam-se adultos preservacionistas e usuários dos bens patrimoniais do lugar onde vivem, e, com isso, defendem-nos das depredações externas e do desleixo do poder público que, dependendo da linha governamental, não se interessa pela questão do Patrimônio Cultural.

Sobre o Patrimônio Cultural é importante ressaltar que:

O patrimônio cultural não se restringe apenas a imóveis oficiais isolados, igrejas ou palácios, mas na sua concepção contemporânea se estende a imóveis particulares, trechos urbanos e até ambientes naturais de importância paisagística, passando por imagens, mobiliário, utensílios e outros bens móveis. Por este motivo é possível realizar uma das mais importantes distinções que se pode fazer com relação ao Patrimônio Cultural, pois sendo ele diferente das outras modalidades da cultura restritas apenas ao mercado cultural, apresenta interfaces significativas com outros importantes segmentos da economia como a construção civil e o turismo, ampliando exponencialmente o potencial de investimentos (PORTO MARAVILHA, on line).

Tomando-se como base o discurso da redação sobre patrimônio cultural presente na Operação Urbana Consorciada de Porto Maravilha, supracitado, é que se legitima ainda mais a importância de uma rota turística temática, alicerçada em um conjunto de edificações, considerados como referências da história local.

2. TURISMO E PATRIMÔNIO MATERIAL

A sociedade contemporânea com sua larga oportunidade de comunicação em rede é capaz de agendar o comportamento de consumo de diversos grupos, e tendo assim, a chance de transformar pequenas cidades e seus prédios sem importância mundial, em pequenos monumentos-símbolos, que por sua vez, tornam-se destinos turísticos que proporcionam ao ser viajante uma experiência do/no passado.

Segundo a Organização Mundial do Turismo,

O Turismo é um fenômeno social que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupos de pessoas que, fundamentalmente por motivos de recreação, descanso, cultura ou saúde, saem do seu local de residência habitual para outro, no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa nem remunerada, gerando múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural (DE LA TORRE, 1992 *apud* BARRETO, 1995, p. 13).

Essa geração de “múltiplas inter-relações sociais, econômicas e culturais” que De La Torre (1992) aborda ao conceituar Turismo é que promove o consumo do lugar turistificado, ou seja, tornado turístico, e, com isso, conseqüentemente, vem a valorização do tema proposto pela motivação turística.

Aquilo que leva pessoas a algum lugar para consumir serviços e produtos gera na população local – que é beneficiada economicamente – um sentimento de pertença, de legitimação e incorporação da temática, como é o caso da Serra Gaúcha (por exemplo, Gramado), que incorporou a proposta turística do inverno, do frio, do chocolate e dos cafés coloniais, fazendo com que toda a população se envolvesse no tema e isso tivesse influência, inclusive, no Plano Diretor da cidade, não sendo permitida a construção de casas diferentes do estilo colonial alemão.

Kühl (2008) chama atenção sobre a relação daquilo que se considera monumento histórico com a memória coletiva:

Na concepção contemporânea alargada sobre os bens culturais, a tutela não mais se restringe apenas às "grandes obras de arte", como ocorria no passado, mas se volta também às obras "modestas" que com o tempo assumiram significação cultural. Nesse sentido, é prudente esclarecer que se utiliza a expressão monumentos históricos, não como obras grandiosas isoladas, mas vinculada ao sentido etimológico de monumento e como interpretada por Riegl, ou seja: como instrumentos da memória coletiva e como obras de valor histórico que, mesmo não sendo "obras de arte", são sempre obras que possuem uma configuração, uma conformação (KÜHL, 2008, p.18).

Com esta colocação, a autora mostra que pode-se fazer de edificações não tão fabulosas e tecnicamente importantes, em monumentos históricos, porque estes estão intrinsecamente absorvidos pela memória coletiva do lugar, e, com isto, apresentam representação simbólica sobre àquela sociedade, podendo assim, fazer destes "monumentos" espaços de visitação turística, do segmento de Turismo Cultural.

Segundo o Ministério do Turismo,

A defini o de turismo cultural está relacionada   motiva o do turista, especificamente de vivenciar o patrimônio histórico e cultural e determinados eventos culturais, de modo a preservar a integridade desses bens. Vivenciar implica, essencialmente, em duas formas de rela o do turista com a cultura ou algum aspecto cultural: a primeira refere-se ao *conhecimento*, aqui entendido como a busca em aprender e entender o objeto da visita o; a segunda corresponde a *experiências participativas, contemplativas e de entretenimento*, que ocorrem em fun o do objeto de visita o (MTUR, on line).

O Turismo Cultural e Histórico vem atraindo cada vez mais os públicos doméstico e internacional, pois   um segmento que busca a autenticidade das coletividades. O desenvolvimento de projetos que buscam a preserva o do patrimônio cultural  , sobretudo, a busca por uma sustentabilidade no setor, com a reprodu o de um imaginário coletivo a partir de sua própria narrativa, e isso, para o mercado turístico,   fundamentalmente interessante, visto que aquilo que   autêntico, verdadeiro e ao mesmo tempo fantástico torna-se um caminho viável para a preserva o com movimenta o econômica.

E, considerando que

O turismo é a única atividade econômica em que o consumo do espaço constitui sua razão de ser. Para nenhuma outra atividade econômica, ainda, a porção visível do espaço geográfico – a paisagem – é tão relevante. Daí o significado da preservação do patrimônio natural e cultural do país para o turismo (CRUZ, 2002, p. 57).

Muito embora, teóricos do turismo, como Susana Gastal³, consideram a segmentação um conceito arcaico e *démodé*, sendo o turista um indivíduo que consome os espaços como um todo, e experimenta um pouco de tudo que a cidade/território, oferece, não há, portanto mais o uso de turismo cultural, histórico, ou de qualquer outra motivação, mas sim, um turismo pós-moderno, híbrido e multifacetado.

Contudo, o mercado turístico movimenta cada vez mais pessoas e grupos para os interiores do Brasil, que buscam novas experiências, novas “culturas” a serem vivenciadas.

A pressão turística e a globalização forçam as sociedades a idealizar quais são os seus valores que devem ser preservados. A importância dos lugares da memória como sítios turísticos, ou seja, museus, construções arquitetônicas, que são os identificadores da história do lugar, serão os elementos da memória coletiva escolhida para ser lembrada e consumida pelos visitantes que se deslocam por aquele lugar.

O Turismo impulsiona a exploração das características de identidade e as tradições locais, buscando os guardiões e os evocadores de memória para que a construção da imagem turística tenha compatibilidade com a memória coletiva do lugar. Isso acontece porque, com a globalização, as pessoas realizam mais os câmbios culturais, precisando, para isso, de uma simbologia que os represente e que possa ser trocada e passada para outros grupos sociais (CARVALHO, 2013, P.39).

Antes que essa mesma globalização torne homogênea a memória da humanidade, as comunidades passam a valorizar suas culturas e tradições, tornando-se, assim, atrativas e lugares de interesse

³ Sobre o novo conceito que promove a interface entre turismo e cultura, ler o texto Turismo e Cultura: aproximações e conflitos (p. 235-255) inserido no Livro Turismo Planejamento Estratégico e Capacidade de Gestão, organizado por Mario Carlos Beni (2012).

turístico, tanto de lazer quanto de pesquisa e negócios, pois através dessa valorização é possível tornar as características sociais mais nítidas àqueles que passam pelos lugares (idem).

Na Europa, pode-se interpretar o fervor contemporâneo pelo culto do passado como um meio de conjurar essa ameaça que pesa permanentemente sobre o homem moderno: a possibilidade de perder o sentido da sua própria continuidade. A conservação se torna uma ‘questão urgente’ e sua aceleração tende a fazer do próprio presente um patrimônio potencial prioritariamente percebido na perspectiva de sua perda (JEUDY, 2005, p. 22).

As sociedades temem o esquecimento de sua história. Por isso, países com grande importância histórica e com conjuntos patrimoniais expressivos, e mesmo países cuja tradição não seja milenar ou secular, todo país busca urgentemente preservar esses guardiões da memória coletiva para que não sejam simplesmente trocados por prédios mais pragmáticos e novos costumes, mas que sejam parte do contexto, que o antigo e o moderno consigam conviver harmoniosamente. Esse parece ser o grande desafio, posto que os territórios mais valiosos e disputados são sempre aqueles onde já existem edificações, e não os vazios urbanos.

A memória dos lugares atrativos coloca o turista em uma posição em que é possível que ele consiga conviver com o diferente, pois os aspectos que tornam aquele lugar interessante para um turista estão no momento sendo valorizados, dando ao sujeito uma posição privilegiada no *status* social, como por exemplo um turista faz auto-retrato – popular *selfie* – com seu telefone móvel celular no Museu do Louvre, Paris, e o publica em uma de suas redes sociais, logo todos os seus amigos irão “curtir e compartilhar” aquele momento da sua vida, ao mesmo tempo em que irão perceber e legitimar não só a viagem, mas sobretudo a relevância cultural do roteiro escolhido pelo turista.

Como o Turismo é um ramo da economia e traz, com suas atividades, lucro para as localidades, pois há movimentação de capital com os diversos setores do mercado, é tendencioso tornar a memória tangível em produto de venda turística, ligando-se aos evocadores da memória. Há ainda os elementos da publicidade e do marketing que um produto supervalorizado gera para um lugar turístico (CARVALHO, 2013, p. 40).

A popularização do passado como um espetáculo reciclado de lembranças conjuntas sob uma nova linguagem é redescoberta de signos ocultos da história que são revelados em um momento anterior, diverso daquele primeiro ponto relembrado.

Reinventar um passado é contá-lo de outra forma, para que possa ser compreendido por todos. Alternam-se os modos de linguagem, justapondo os fragmentos da memória, reconstruindo os momentos históricos e os projetando desde o presente: “O lembrar é uma faculdade que se exerce no presente, tempo em que se constrói a memória, a partir de novos olhares sobre o passado e da renovação das relações com o que dele está integrado ao nosso cotidiano” (MAGNANI; XAVIER, 2010, p. 16).

Sobre o passado reinventado. Sobre isso, Sandra Pesavento escreveu:

[...] uma cidade inventa seu passado, construindo um mito das origens, descobre pais ancestrais, elege seus heróis fundadores, identifica um patrimônio, cataloga monumentos, transforma espaços em lugares com significados. Mais do que isso, tal processo imaginário de invenção da cidade é capaz de construir utopias, regressivas ou progressivas, através das quais a urbs sonha a si mesma (PESAVENTO, 2002, p. 25 apud TOMÁZ, 2010, p. 02).

Ou seja, as intervenções não devem se moldar a um novo uso, mas à essência do edifício. Contudo, é preciso entender que a manutenção dos bens culturais vem com sua publicidade como produtos turísticos do segmento cultural, isto é, a motivação da visita turística em um prédio restaurado, de importância histórica é que alimentará sua existência preservada como bem cultural, pois será sedimentada na memória dos visitantes.

3. LAVRAS DO SUL: PATRIMÔNIO E TURISMO

Lavras do Sul/RS teve sua origem na exploração mineral de ouro, e com isto alguns prédios foram erguidos, como engenhos, casas de comércio e residências com características arquitetônicas do movimento Eclético, que tem como definição:

O termo ecletismo denota a combinação de diferentes estilos históricos em uma única obra sem, com isso, produzir novo estilo. Tal método se baseia na convicção de que a beleza ou a perfeição pode ser alcançada mediante a seleção e a combinação das melhores qualidades das obras dos grandes mestres. Além disso,

pode designar um movimento mais específico relativo a uma corrente arquitetônica do século XIX (Enciclopédia Itaú Cultural, online).

Sendo assim, a cidade tem um cenário de casarões antigos no seu centro urbano e, algumas ruínas em áreas mais afastadas e até mesmo no considerado quadrado mágico (quadrado abstrato de maior importância imobiliária). Portanto, considerando o seu conjunto paisagístico composto de prédios que representam a primeira etapa da história local, é que se propôs uma *turistificação* do lugar através de uma Rota temática.

A *turistificação* dos lugares por meio da memória ativa o reconhecimento da importância do patrimônio para a identidade coletiva, tendo-se a ideia da necessidade, mesmo que de uma forma não-tradicional, mas projetada e construída, de que preservar o patrimônio determina as fronteiras de identidades.

O concreto é motivador da rota, como ressalta a arquiteta Maria da Glória Lanci da Silva (2004):

A arquitetura e o urbanismo em cidades turísticas desempenham papel fundamental na cenarização do espaço. Construindo elementos culturais atrativos, representam um campo de atuação tanto do mercado quanto do poder público para o projeto e o planejamento de ações estratégicas para o desenvolvimento do turismo (SILVA, 2004, p. 39).

A transformação de uma memória coletiva em um produto por meio de um roteiro turístico envolve todos os agentes, gera emprego, renda e autoestima, transformando aquela memória da falência e do abandono em lembranças de riqueza, aventura e fantasia, como no caso da arquitetura urbana tratada como patrimônio cultural, seria fazer desse conjunto edificado um “espetáculo de um chauvinismo consensual animado pelo prazer do folclore” (JEUDY, 2005, p. 28), ou seja, uma animação que nasce do cenário da cidade e torna-se atrativo turístico mediante os laços afetivos que são feitos após a produção de um roteiro cultural com vínculos na arquitetura, ou seja, na estética e na memória do lugar.

Mesmo que a exploração de ouro no Brasil tenha sofrido diversas transformações advindas das políticas nacionais, àqueles lugares mais distantes dos centros metropolitanos tiveram que dar fim às atividades de mineração e explorar outras fontes de economia, assim, alguns prédios históricos foram abandonados, por sua falta de utilidade imediata como recurso financeiro.

Em busca da preservação e da conscientização patrimonial destes espaços, foram inventariados quatro residências, uma barragem, dois engenhos em ruínas, uma igreja católica, uma escola de ensino fundamental e uma praça, totalizando onze pontos de visitação turística relacionados à memória do ouro, formatados em uma proposta de passeio urbano denominado: Rota do Ouro.

Uma rota é, sobretudo, emoldurada pela história do lugar,

[...] é um percurso continuado e delimitado cuja identidade é reforçada ou atribuída pela utilização turística, um itinerário com base em um contexto histórico e/ou temático. Uma rota pode contemplar vários roteiros e perpassar várias regiões turísticas. Isto é, o turismo utiliza a história como atrativo para fins de promoção e comercialização turística (MTUR, 2008, p. 70).

Sem, contudo, tornar a representação maior que a realidade ou mesmo o passado real, a verdadeira história, o que se pretende é dar vida e encanto àquilo que é conhecido como algo que acabou que não existe mais. Porém, na história e no patrimônio cultural nada acaba apenas se reinventa, e o turismo faz acontecer de forma que seja produtivo e rentável para a população local.

5. MATERIAL E MÉTODOS

Para a montagem desse estudo foram pesquisados os prédios construídos na fase da mineração e para usufruto de seus proprietários, como residências e casas de comércio, além dos engenhos, já em ruínas. Foi feito um levantamento de dados sobre as características dos prédios residenciais e edifícios industriais, quanto ao estilo arquitetônico e suas ocupações por moradores da cidade.

A principal fonte de pesquisa bibliográfica foi o livro do pesquisador local Edilberto Teixeira, de 1992, no qual ele utiliza a oralidade para mapear as minas de ouro e localizar as construções urbanas. É um dos únicos registros sobre a história local. Recentemente lançado e com contribuição para essa pesquisa, o livro fotográfico “Olhares da Minha Terra”, do poeta Gujo Teixeira e mais quatro fotógrafos locais, também faz parte da pesquisa bibliográfica, já que reúne informações de diversas pessoas, inclusive da autora desse trabalho, em que, a partir do olhar fotográfico, foi feito um levantamento histórico e das características arquitetônicas do espaço registrado.

Uma fonte mais tangível foram os frontões das casas que registram as datas de suas construções.

Foram realizadas algumas entrevistas informais com pessoas da cidade, as quais detêm certo grau de conhecimento ou vivência sobre a história local, utilizando-se da oralidade como ferramenta metodológica para alcançar o objetivo do trabalho.

Durante a pesquisa foram encontrados os seguintes prédios:

- Igreja Matriz Santo Antônio - 1917
- Ruínas da Company Mining Gold - 1875
- Casa Geminada da Família de João Ricardo de Souza - 1909
- Casa da Família de Juca Souza - 1913
- Casa da Família Chiappetta - 1906
- Ruínas do Engenho do Paredão - 1937
- Ruínas do Engenho Belga - 1898
- Casa de Pedra (Itaoca) – década de 1940
- Casa de Ademar Teixeira – sem datamento da construção
- Barragem do Paredão – 1920
- Casa do Garimpeiro – década de 1920

Por ser uma proposta de atrativo turístico, algumas construções mapeadas foram retiradas do roteiro, enquanto que a Praça Hermínia Ferreira de Souza, construída em 1987, e, portanto fora do período da mineração, fora incluída por ter como símbolo uma estátua de Santo Antônio, padroeiro da cidade e folcloricamente conhecido por ter sido a partir de uma pepita à sua imagem que a mineração de ouro teve início nas águas do Arroio Camaquã das Lavras, que percorre a cidade, quando um garimpeiro encontrou uma pepita que se assemelhava ao formato da imagem do santo.

Sendo assim, as casas selecionadas após a análise sobre cada um de seus casos são:

Residências: (1) Casa Geminada da Família Souza; (2) Casa da Família Chiappetta; (3) Casa de Ademar Teixeira; (4) Casa do Garimpeiro.

Engenhos e outras construções: (5) Barragem da Praia do Paredão; (6) Ruínas da Company Mining Gold; (7) Engenho Belga.

Fazem parte da seleção pela cultura popular: (8) Casa de Cultura Jose Neri da Silveira; (9) Praça Hermínia Ferreira de Souza; (10) Igreja Matriz Santo Antônio; e (11) Casa da Família de Juca Souza.

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO

Como resultados da seleção surgiram onze pontos de visitação turística, prédios característicos da arquitetura industrial, como a barragem e os engenhos; residências características do Ecletismo, uma pequena casa simples, de barro sovado e pedra; uma praça e uma igreja.

Alguns casos de conflitos familiares foram encontrados, dificultando a formatação da rota, bem como prédios em ruínas e abandonados, denunciando assim a falta de políticas públicas de preservação do patrimônio material do município. Em contraponto, outros espaços são e estão sensíveis à questão patrimonial, valorizando suas características arquitetônicas, como é o caso das paredes revestidas de escaiolas, dos portões de ferro e dos detalhes das fachadas das residências.

Talvez a inexistência de políticas públicas preservacionistas seja decorrente da falta de identidade cultural com os prédios, mas também pelas condições de acessibilidade ao município que são extremamente precárias, colocando em risco a manutenção do fluxo de visitantes/turistas, e, assim, sem público para legitimar o espetáculo folclórico do culto ao passado, que por sua vez é também consumidor do mercado cultural.

A cidade de Lavras do Sul sofre problemas de acessos rodoviários, como por exemplo, somente uma estrada estadual que dá acesso ao município é asfaltada, todas as outras entradas/saídas são de estradas de terra, com muitos problemas de manutenção. Porém, conta com eventos periódicos oriundos das atividades agropastoris que são atualmente a fonte econômica do lugar, e, a valorização dos espaços históricos serviria também como elemento de motivação para permanência de turistas e visitantes, por mais tempo para visitar os pontos inventariados, divulgando assim a história local.

5. CONCLUSÕES

Considerando as questões expostas sobre Patrimônio, Memória e Turismo, percebe-se a fundamental importância entre a relação holística entre os três, já que um só é possível com a presença do outro, seja o segmento desenvolvido no Turismo, as questões patrimoniais, levando em consideração à memória coletiva, ou seja, o elemento chave da identidade de um grupo, são extremamente relevantes para a renovação do ciclo de vida do lugar turistificado. Isso é dito justamente porque no município em estudo a memória sobre o ouro, a sua origem, ficou reservada em livros de pouco acesso à população em geral e não é parte do conteúdo programático de ensino de História, nem mesmo vivenciada no cotidiano popular; talvez por essa razão é que tomadas de decisões políticas, através de conselhos de cultura e turismo sejam primordiais para a salvaguarda desses prédios e, logo, do patrimônio cultural material, como um recurso para o desenvolvimento de propostas para o turismo cultural.

No caso de Lavras do Sul/RS, para o desenvolvimento do Turismo Cultural, é vital que se tenha uma política de preservação, conservação e adequação do seu Patrimônio Cultural Material, ou seja, do conjunto arquitetônico advindo da mineração do ouro. E assim, em qualquer lugar, cidade, que se pense a projeção como destino turístico, deve-se considerar aquilo que existe de concreto, edificado, a identidade social e, sobretudo, o discurso sobre a cidade, para finalmente relacionar esses elementos.

Algumas ações deverão ser consideradas como prioritárias, tais como: desenvolver um programa de conscientização patrimonial; criação de marcos legais para incentivar fiscalmente os proprietários a preservarem seus prédios históricos; promover comercialmente a cidade como histórica. Além de considerar a dinâmica da hospitalidade, do bem-receber.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Margaritta. **Manual de Iniciação ao Estudo do Turismo**. Campinas, SP: Papirus, 1995. (Coleção Turismo).

BENI, Mario Carlos (Org.). **Turismo Planejamento Estratégico e Capacidade de Gestão**. – Barueri, SP: Manole, 2012.

CARVALHO, Fernanda R. T. **ROTA DO OURO: RESGATE DA MEMÓRIA DA MINERAÇÃO EM LAVRAS DO SUL ATRAVÉS DE SEU PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO URBANO**. 2013. 88f. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Patrimônio Cultural) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Ufsm, Santa Maria, 2013.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. Tradução de Luciano Machado. 3 ed. São Paulo: Estação Liberdade; UNIESP, 2006.

CRUZ, Rita de Cássia. **Política de Turismo e Território**. 3ª Ed. – São Paulo: Contexto, 2002 (Coleção Turismo).

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela Memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

IPHAN. **Carta de Atenas**. Governo Federal. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/>>. Acesso em: 09 abr. 2012.

ITAÚ CULTURAL. **Enciclopédia Itaú Cultural**. Disponível em: <<http://www.itaucultural.org.br/>>. Enciclopédia Itaú Cultural. Acesso em: 27 mar. 2012.

KÜHL, Beatriz Mugayar. **Preservação do Patrimônio Arquitetônico da Industrialização: Problemas Teóricos de Restauro**. Cotia, SP: Ateliê, 2008.

_____. **História e Ética na Conservação e Restauração de Monumentos Históricos**. In: R. CPC, São Paulo, v.1, n.1, p. 16-40, nov. 2005/ abr. 2006.

JEUDY, Henri-Pierre. **O Espelho das Cidades**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

LINHA DO TEMPO. **Governo Federal**. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/>>. Acesso em: 21 de abr. 2011.

MAGNANI, Luís Antonio; XAVIER, Ana Maria. **Caminhos do Patrimônio Cultural: 3 Roteiros em São Paulo**. São Paulo: Via das Ideias, 2010.

PATRIMÔNIO CULTURAL. **Operação Urbana Consorciada da Região do Porto do Rio**.

Disponível em:

<http://portomaravilha.com.br/conteudo/eiv/V.%20Situacao%20Atual%20e%20Futura%2012.%20Paisagem%20Urbana_12.1%20Patrimonio%20Cultural.pdf>. Acesso em: 26 mai. 2012.

SILVA, Maria da Glória Lanci da. **Cidades Turísticas: Identidades e Cenários de Lazer**. São Paulo: Aleph, 2004.

TEIXEIRA, Edilberto. **Lavras do Sul na Bateia do Tempo**. Santa Maria: UFSM, 1992. 1 v.

TOLEDO, Grasiela Tebaldi. **A Pesquisa Arqueológica em Quaraí/RS: uma contribuição à identidade local**. 2010. 107f. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Patrimônio Cultural) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Ufsm, Santa Maria, 2010.

TOMAZ, Paulo Cezar. A Preservação do Patrimônio Cultural e sua Trajetória no Brasil. **Revista de História e Estudos Culturais**, Fênix. Universidade Presbiteriana Mackenzie, v. 7, a. VII, n. 02, 2010. Disponível em:

<http://www.revistafenix.pro.br/PDF23/ARTIGO_8_PAULO_CESAR_TOMAZ_FENIX_MAIO_AGOSTO_2010.pdf>. Acesso em 24 mar. 2013.